

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

THIAGO DA SILVA ABRANTES

**Matrizes da elaboração psíquica no pensamento
psicanalítico: entre Freud e Ferenczi**

São Paulo

2021

THIAGO DA SILVA ABRANTES

Matrizes da elaboração psíquica no pensamento psicanalítico: entre Freud e Ferenczi

(Versão Original)

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo como parte dos
requisitos para a obtenção do título de Doutor em
Psicologia

Área de concentração: Psicologia Experimental

Orientador: Prof. Dr. Nelson Ernesto Coelho
Junior

São Paulo

2021

Nome: Thiago da Silva Abrantes

Título: Matrizes da elaboração psíquica no pensamento psicanalítico: entre Freud e Ferenczi

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para obtenção do título
de Doutor em Psicologia

Aprovado em: / /

Banca examinadora

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

da Silva Abrantes, Thiago

Matrizes da elaboração psíquica no pensamento psicanalítico: entre Freud e
Ferenczi / Thiago da Silva Abrantes; orientador Nelson Ernesto Coelho Junior. --
São Paulo, 2021.

254 f.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental) --
Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2021.

1. Freud, Sigmund (1856-1939). 2. Elaboração psíquica. 3. Perlaboração. 4.
Elaboração associativa. 5. Transferência. I. Ernesto Coelho Junior, Nelson, orient.
II. Título.

*Para tia Lili (In Memoriam), que
teria se divertido muito com tudo
isso.*

Agradecimentos

Aos meus pais Else e Antonio, pelo carinho, amor e acolhimento.

Aos meus avós Elza, Francisco, Manoel (*In Memoriam*) e Eloir (*In Memoriam*), pelo cuidado e pela alegria compartilhados comigo.

A Patrícia Leite, que o amor continue nos envolvendo.

A Nelson, orientador querido, obrigado pela disponibilidade, pelas leituras e pelos comentários atenciosos, que nossa parceria de trabalho continue.

Aos professores Érico Campos, Pablo Castanho, Daniel Delouya, Daniel Schor e Bruna Zerbinatti, pela leitura e pelos comentários.

Aos amigos do grupo de orientação, Marina Bialer, Vitor Carvalho, Marcio Bandeira, Eugenio Dal Molin, Gisele Moraes, Douglas Pereira, Fabio Brinholli, Daniel Schor e Bruna Zerbinatti, por todo o companheirismo durante essa jornada.

A Fabio Brinholli, amigo que o doutorado trouxe, que continuemos com muitos cafés e conversas, que entremearam tanto o texto quanto minha vida.

A Lívia Santiago Moreira, amiga querida, pela amizade, leitura, parceria e disponibilidade, fundamentais em meu percurso.

A Lucas Hangai, alegria que a vida me apresentou e com votos de muitas parcerias de trabalho.

A Marcel Bertonzzin e Elton Ievski, amigos queridos e parceiros de jornada.

A Nina Galvão, Ticiania Salomão e Lucas Funari, presenças lindas, floridas e alegres.

A Laura Hansen, pela alteridade de sua escuta.

A Rita Burgos, Patrícia Mestre e Cleantho Leite, por todo o carinho, respeito e companhia.

Maria Cecília Burgos, que venham muitas pescarias e risadas.

A Roger Martins Gomes, pela amizade e pelo companheirismo.

A Leandro Grigoleti e Filipe Abrantes, amigos de longa data.

A Mayra Tsuji, por toda a companhia, amizade e carinho.

A CAPES pelo apoio financeiro para a realização deste trabalho.

Resumo

Faremos uma discussão sobre o desenvolvimento da clínica freudiana com enfoque nos fatores que levaram a formação de diferentes matrizes do que, aparentemente, seria um conceito único de elaboração psíquica. Nosso principal objetivo é situar as condições históricas que possibilitaram a emergência das diferentes matrizes da elaboração psíquica no desenvolvimento da clínica freudiana, investigando seus desdobramentos técnicos para o campo psicanalítico, com enfoque nas contribuições de Sándor Ferenczi. A primeira matriz da elaboração psíquica, a elaboração associativa, relaciona-se à um processo intrapsíquico, definido como a capacidade do psiquismo para ligar afetos e representações correspondentes. Já a segunda, a perlaboração, relaciona-se com a superação de resistências, em um processo transferencial e intersubjetivo, uma vez que seria pelas intervenções do analista que a perlaboração encontra chances de acontecer. Freud apresentou a perlaboração como um conceito fundamental para a teoria da técnica, pois remete para o modo como o analista se posiciona, ou pode se posicionar, para manter e sustentar uma situação analítica. A perlaboração se coloca como um meio pelo qual seria possível ao sujeito lidar com as dificuldades que aparecem durante um tratamento devido à resistência, ela ganhou um estatuto próprio e reconhecido como o principal constituinte técnico de uma análise, em um processo transferencial e intersubjetivo, ponto valorizado por Ferenczi em suas discussões técnicas. A investigação aqui proposta buscou descrever os diferentes registros do funcionamento psíquico da perlaboração a partir da segunda tópica do aparelho psíquico proposta na teoria freudiana, demonstrando a maneira que ocorre a perlaboração em cada categoria de resistência, do Eu, do Id e do Super-eu e, para tanto, as orientações técnicas ferenczianas foram fundamentais. Nossa hipótese é que os diferentes modelos que a perlaboração pode assumir depende da categoria de resistência envolvida em um caso, reconhecimento que permitiu conceber a relação analítica como uma relação intersubjetiva. Por fim, apontaremos que a segunda matriz acarreta a primeira, pois seria pela superação das resistências que a associação de uma representação ocorre.

Palavras-chave: Freud, Sigmund (1856-1939); elaboração psíquica; perlaboração; elaboração associativa; transferência.

Abstract

We will discuss the development of the Freudian clinic focusing on the factors that led to the formation of different patterns of what, apparently, would be a unique concept of psychic elaboration. Our main objective is to situate the historical conditions that made possible the emergence of the different patterns of psychic elaboration in the development of the Freudian clinic, investigating their technical developments for the psychoanalytic field, focusing on the contributions of Sándor Ferenczi. The first pattern of psychic elaboration, associative elaboration, is related to an intrapsychic process, defined as the psyche's capacity to link affections and corresponding representations. The second, working-through, is related to overcoming resistance, in a transference and intersubjective process, since it is through the analyst's interventions that the working through finds chances of happening. Freud presented working-through as a fundamental concept for the theory of technique, as it refers to the way the analyst positions himself, or can position himself, to maintain and sustain an analytical situation. Working-through is a means by which it would be possible for the subject to deal with the difficulties that appear during a treatment due to resistance, it gained its own status and is recognized as the main technical constituent of an analysis, in a transference and intersubjective process, point valued by Ferenczi in his technical discussions. The investigation proposed here sought to describe the different models of the psychic functioning of the working-through from the second topic of the psychic apparatus proposed in Freudian theory, demonstrating the way that working-through occurs in each category of resistance, the Ego, the Id and the Superego and, for that, the Ferenczian technical guidelines were fundamental. Our hypothesis is that the different models that working-through can assume depend on the category of resistance involved in a case, a recognition that allowed us to conceive the analytical relationship as an intersubjective relationship. Finally, we will point out that the second pattern causes the first, because it would be by overcoming the resistance that the association of a representation occurs.

Keywords: Freud, Sigmund (1856-1939); psychic elaboration, working-through; associative elaboration; transference.

Sumário

Introdução.....	12
Metodologia.....	28
Capítulo 1 - Existem “elaborações psíquicas” em psicanálise?.....	32
1- Traduções do termo elaboração psíquica.....	33
2- Apresentação das duas matrizes da elaboração psíquica no pensamento freudiano.....	37
2.1 - A elaboração associativa nos “Estudos sobre a histeria”.....	37
2.2 - Resistência e transferência: apontamentos iniciais.....	62
2.3 - Resistência de transferência?	73
2.4 - Interpretação sob transferência.....	86
2.5 - O primeiro modelo da elaboração.....	103
Capítulo 2 - O uivo dos lobos e suas reverberações na técnica psicanalítica.....	114
1- Serguei Constantinovitch Pankejeff, o homem anterior aos lobos.....	115

2-	O primeiro tempo da análise com Freud.....	116
3-	O curioso <i>em passant</i> de Freud sobre a transferência.....	133
4-	O segundo tempo da análise de Serguei.....	140
5-	A análise com Brunswick: Serguei se encontra com os lobos.....	141
6-	Os métodos ativos e a (im)possibilidade da perlaboração.....	155
Capítulo 3 - Como elaborar a presença de Ferenczi para a técnica psicanalítica?.....		159
1-	Articulações ferenczianas sobre a técnica ativa.....	160
2-	Problematizando o posicionamento do analista: por uma flexibilização da técnica.....	176
3-	O sentido da análise.....	188
Capítulo 4 - Os novos modelos da perlaboração.....		200
1-	Clivagem, defesa passiva e compulsão à repetição: elementos para a perlaboração do Id.....	202
2-	Reação terapêutica negativa, masoquismo moral e necessidade de punição: elementos para a perlaboração do Super-eu.....	224
3-	... e a elaboração associativa?.....	238
Considerações finais.....		242
Referências.....		245

Canción de las simples cosas

Uno se despide insensiblemente
De pequeñas cosas
Lo mismo que un árbol en tiempo de otoño
Muere por sus hojas
Al fin la tristeza es la muerte lenta
De las simples cosas
Esas cosas simples que quedan doliendo en el corazón...

Uno vuelve siempre a los viejos sitios
En que amo la vida
Y entonces comprende como están de ausentes
Las cosas queridas
Por eso muchacha no partas ahora soñando el regreso
Que el amor es simple
Y a las cosas simples las devora el tiempo

Demórate aquí en la luz mayor de este mediodía
Donde encontraras con el pan al sol la mesa tendida
Por eso muchacha no partas ahora soñando el regreso
Que el amor es simple
Y las cosas simples las devora el tiempo

(Armando Tejada Gómez)

Introdução

Dois dias antes de apresentar ao grupo de orientação o que seria uma primeira versão do texto para o exame de qualificação desta pesquisa tive um sonho que acredito ser importante contar. Estava na casa dos meus pais, com a idade que tenho hoje. O cenário era o mesmo local onde passei minha infância e era o dia da comemoração de meu aniversário. Embora estivesse animado para a festa, uma peculiar situação se instalou: uma pessoa com o rosto todo sombreado controlava todo o contexto da realização da festa, quais seriam as comidas, as bebidas, os convidados, o horário, tudo.

Estava tremendamente incomodado, queria tomar uma decisão, mas, naquele momento, além de perder o controle externo, também havia perdido a minha fala. Não conseguia me comunicar com ninguém. Os convidados, embora parecessem se divertir, não conseguiam me entender, tampouco eu os entendia. Durante o sonho, senti-me num grande embaraço entre o que pensava e o que sentia, com dificuldade em estabelecer alguma forma de comunicação com as pessoas que ali estavam.

Acordei assustado. Tentei interpretar meu sonho, de início, a partir do contexto que me envolvia. Não consegui conter-me para relacionar esse conteúdo do sonho com o que circundava meu doutorado, em conjunto com meu trabalho enquanto clínico, ambos, evidentemente, atravessados por questões pessoais.

Dois dias mais tarde, na reunião de orientação, ouvi quase em silêncio os comentários de meus colegas, que foram ironicamente didáticos a uma parte do conteúdo do sonho. Meu texto estava confuso, pouco claro, parecia ter pressa em apresentar minhas ideias, as definições de conteúdo que indicava eram esparsas e não havia muita relação entre elas. Mais uma vez, senti que não conseguia comunicar-me.

Após a reunião, fiquei praticamente paralisado frente a perguntas que fiz a mim mesmo, que envolviam a razão de ainda trabalhar com o mesmo conceito, a importância da “elaboração” para o meu trabalho clínico e, mais intensamente, ao modo como fazia esta pesquisa. Todas ressoavam em mim colocando-me em um lugar sem muito controle, como no sonho.

Passado um tempo, resolvi escrever sobre aquilo que me motivou a iniciar meu percurso como pesquisador. Naquele momento, pareceu-me uma tentativa de recuperar

minha voz no texto e, em parte, em minha própria vida, servindo de material auxiliar para entender um pouco mais meu trabalho onírico. Voltaremos ao sonho mais adiante.

*

No início de minha atividade profissional, ainda na graduação, trabalhei com tutoria de alunos do ensino fundamental, alguns com dificuldades mais específicas em uma disciplina, outros com problemas na organização de como estudar ou, ainda, com dificuldades pedagógicas mais complicadas. Diversas vezes fui a reuniões em escolas, tive contato com muitos profissionais, como pedagogos, professores, psicólogos, fonoaudiólogos, psiquiatras e comecei, depois de concluir a graduação, a receber indicações como psicólogo clínico. Também trabalhei como acompanhante terapêutico, indo e ficando em escolas com pacientes durante as aulas, ao lado de atendimentos externos.

Atualmente, trabalho como analista, atendo adolescentes e adultos, alguns casos graves, que lançam questões sobre possíveis variações de enquadre. De certa maneira, foram essas experiências de constante movimentação que tive e tenho em minha vida profissional que me levaram a pensar sobre a construção e a operacionalidade de um espaço clínico. Especificamente, nos efeitos que este proporciona a partir das possíveis ressignificações de vida que podem acontecer em um trabalho analítico.

Vi no conceito de elaboração psíquica, sobre o qual comecei a estudar ainda na graduação, um caminho que pudesse acompanhar como um processo clínico vai sendo construído e modificado para promover a amenização do sofrimento de quem busca ajuda. É comum analistas se referirem à noção de elaboração psíquica como o efeito terapêutico de um tratamento, também é usada para descrever o fenômeno de apropriação e integração do que é desvelado e vivido em um processo analítico, a tão buscada ressignificação de experiências. No entanto, várias questões exigem resposta: o que a elaboração psíquica é? Freud a utilizou fazendo referência a que especificamente? Qual o sinal de sua ocorrência? Como defini-la teórica e metapsicologicamente? Essas foram as perguntas que me moveram a realizar essa pesquisa, porém, o que parecia ser um conceito único se mostrou diverso e difuso.

Ao ler artigos e textos sobre o tema, chamou atenção a confusão no entendimento e na apresentação do conceito de elaboração psíquica, muitas vezes distante da maneira que era utilizado no pensamento freudiano. Isso se deve, acredito, à dificuldade em

diferenciar e relacionar as seguintes vertentes: (1) a maneira de funcionamento do aparelho psíquico, (2) os efeitos e os possíveis alcances de um processo analítico e (3) como o analista conduz esse processo, o que inclui, especificamente, qual seria o seu papel durante o enquadre clínico utilizado.

Fui notando que a elaboração psíquica aparecia no pensamento freudiano sempre com referência a uma ideia de trabalho. Freud utilizou vários termos para se referir a tipos de trabalho diferentes, contudo muitas das traduções adotavam simplesmente “elaboração”. A partir do rastreamento de todos os termos relacionados à noção de trabalho nos textos originais de Freud¹, do cotejamento com as traduções espanhola e inglesa, das novas traduções diretas do alemão para a língua portuguesa, do auxílio do “Dicionário comentado do alemão de Freud”, de Hanns (1996), e dos apontamentos de Laplanche e Pontalis (2001) no verbete sobre elaboração psíquica presente no “Vocabulário da Psicanálise”, duas noções de trabalho têm maior relevância, são elas a elaboração associativa (*Verarbeitung*) e a perlaboração (*Durcharbeitung*).

No decorrer da pesquisa veremos que cada um desses termos foi usado por Freud em momentos distintos e se relacionam a contextos diferentes, o que implica dizer que cada um deles tem um escopo de atuação e ramificações específicas no pensamento freudiano. Como modo de orientar o estudo desse campo conceitual diverso, tive como inspiração a noção de matrizes, proposta por Figueiredo (1989), como organizadora epistemológica de duas noções de trabalho diferentes: a elaboração associativa e a perlaboração. Esse delineamento permitiu precisar o momento de formação de cada matriz, assim como seu desenvolvimento e uma possível relação de causalidade entre ambas no decorrer do pensamento freudiano.

Por ora, vale dizer que a elaboração associativa foi introduzida na obra de Freud a partir de uma concepção da dinâmica geral do psiquismo, o que ocorreu durante os “Estudos sobre a histeria” (1893-1895). É o trabalho que o aparelho psíquico realiza para integrar e ligar as excitações que o invadem, estabelecendo elos associativos entre elas, seu âmbito de atuação é intrapsíquico e tem como função transmitir e ligar a energia originada pelas cargas pulsionais. Opera conectando afetos com representações

¹ A distinção de todos os termos, o critério de escolha deles e as traduções relacionadas à elaboração psíquica serão feitas no primeiro item do capítulo 1.

correspondentes e o resultado de sua atuação é a admissão afetiva. Quando a intensidade de uma excitação supera um certo limite, a ação da elaboração associativa é bloqueada.

Já a perlaboração surgiu no pensamento freudiano a partir da teoria da técnica, apresentada no texto “Recordar, repetir e elaborar” (1914a). É o trabalho envolvido no desvelamento de conflitos e na superação de resistências. Ocorre em um âmbito transferencial e intersubjetivo. A ideia de que a perlaboração envolve o esforço de suplantar resistências e, com isso, proporciona ao sujeito² relacionar, nomear e remeter suas experiências e seus afetos em contextos mais tangíveis foi o que, ao iniciar meus estudos em psicanálise, me despertou grande interesse. Foi a partir dos fatores que envolvem a perlaboração que consegui ter maior clareza das motivações que me conduziram a realizar esta pesquisa, que se relacionam em como a operacionalidade do espaço clínico depende da maneira que o impacto do sofrimento do outro é recebido pelo analista.

No momento em que fui avançando na realização do doutorado, foi fundamental pensar a respeito de considerações sobre a técnica que possibilitam a constituição e manutenção de um enquadre clínico. Nosso ponto de articulação teórica é as duas matrizes da elaboração psíquica. A primeira matriz, a elaboração associativa, é uma dinâmica geral do psiquismo, a segunda, a perlaboração, relaciona-se diretamente com a técnica e por isso recebeu um destaque maior.

Vale pontuar que na literatura psicanalítica há uma notável imprecisão no que se refere à definição e à importância da perlaboração na teoria da técnica. A indeterminação, a ampliação de significado, de função e a falta de discussões metapsicológicas merecem destaque. Curiosamente, não encontramos nenhum texto específico sobre a elaboração associativa, apenas apresentações na forma de verbetes, um em Laplanche e Pontalis (2001, pp. 143-144) e outro em Hanns (1996, pp. 205-213).

A diversidade na compreensão da perlaboração pelo campo psicanalítico é vasta. É um tanto surpreendente o fato de que após a publicação do texto freudiano de 1914, passaram-se 25 anos até aparecer uma outra discussão sobre a perlaboração no campo psicanalítico, feita por Fenichel (1939) em um tópico na publicação “Problemas da

² Optamos em usar a palavra sujeito porque esse termo “parece particularmente adequado para transmitir a concepção psicanalítica do ‘eu’ que experiencia, tanto num sentido fenomenológico quanto metapsicológico. O termo está etimologicamente ligado à palavra *subjetividade* e trás em si uma reflexividade semântica inerente, ou seja, denota simultaneamente sujeito e objeto, eu e isto, eu e mim” (OGDEN, 1996, p. 23).

técnica psicanalítica”. Nos 200 artigos sobre técnica enumerados por ele, alguns citaram a perlaboração como fenômeno, mas não houve nenhuma retomada conceitual, apresentação e discussão metapsicológica sobre ela. Fato peculiar, uma vez que Freud (1914a) conferiu um lugar de destaque à perlaboração como sendo o fator que diferencia o tratamento psicanalítico da sugestão hipnótica. Contudo, chama atenção porque o próprio Freud não retomou a perlaboração em sua obra, que, como um conceito técnico central, foi discutido nos dois parágrafos finais no artigo em 1914 e depois, nada mais³. Compartilho com o leitor uma inquietação, que foi muito bem descrita por Bleger:

O problema da perlaboração teve um estranho destino em nossa literatura. Não há simplesmente nenhuma contribuição ao seu estudo. Parece incrível que um problema com o qual todo analista, sem exceção, deve lidar por infinitas horas ao dia em seu trabalho não tenha provocado nenhum questionamento entre centenas de analistas em todo o mundo (BERGLER, 1945, p. 451)

Talvez o que a perlaboração suscita ajuda a entender essa ausência, pois se ela era o fator fundamental para a técnica psicanalítica, seria quase irônico que um analista fizesse constante referência a ela, mas não conseguisse defini-la ou mostrar como opera. No contexto das controvérsias entre Anna Freud e Melanie Klein, Glover (1955) fez um questionário sobre a técnica para tentar entender a origem de tanta dissimetria entre a prática clínica dos analistas. Refletindo sobre as respostas ao seu questionário, uma de suas conclusões foi que não havia “nenhuma aceitação geral da visão de Freud sobre a perlaboração” (GLOVER, 1955, p. 298) ou “é possível que os analistas não gostem do processo, porque ele é percebido como uma depreciação da virtude de suas interpretações” (GLOVER, 1955, p. 299).

Quando Freud introduziu a perlaboração em 1914, o fez em resposta ao furor curativo relativo à impaciência de muitos analistas, uma vez que suas interpretações não produziam efeitos imediatos. A ênfase é que o processo de superar resistências leva tempo e não que a própria interpretação devesse ser reformulada. Contudo, pelas observações de Glover (1955), é possível apreendermos que falar sobre a perlaboração causava uma certa estranheza nos analistas e podia colocar em xeque a eficácia deles enquanto clínicos. Nesse contexto, a afirmação de Greenacre (1956) não causa espanto: “atualmente, a

³ Houve mais três menções do termo *Durcharbeiten* em 1926, em “Inibição, sintoma e angústia”, quando Freud diferenciou os tipos de resistência.

perlaboração faz referência a pouca coisa, e sendo um princípio específico dentro da técnica, não chama muita atenção” (GREENACRE, 1956, p. 439). Já Brenner (1987), de modo contrário, mas igualmente sem critério e embasamento teórico, diz:

A perlaboração não é um infeliz prolongamento do processo de cura. Ela é a análise. É o trabalho interpretativo, que como Freud escreveu em 1914, leva a *insights* verdadeiramente valiosos e a mudanças terapêuticas confiáveis e duradouras (BRENNER, 1987, p. 103)

Na visão de Sandler (1977), a dificuldade no entendimento do conceito de perlaboração acontece porque não há uma diferença clara entre a perlaboração enquanto aspecto fundamental da técnica psicanalítica e os processos psicológicos relacionados a ela ao lado do resultado de sua ação. Embora o diagnóstico seja preciso, não propõe nenhuma articulação da perlaboração com a dinâmica do psiquismo. Para Roussillon (2016), a perlaboração está presente em diversas concepções de enquadre clínico na psicanálise. Ela é um conceito *transversal*, crucial à técnica analítica e constitui o fator que fornece bases seguras para a sua prática clínica. Agora, vamos a algumas concepções sobre a perlaboração.

Para Ferman (2001), a perlaboração possibilita ao sujeito uma ressignificação histórica, sua atuação seria indispensável para a simbolização do que estaria anteriormente vinculado à repetição e ao sofrimento. Etchegoyen (2004) propõe uma definição da perlaboração a partir da noção de *insight*. Haveria um *insight* descritivo, intelectual e verbal, e um *insight* ostensivo, afetivo e relacionado com as resistências. A perlaboração conectaria os dois tipos de *insight*, promovendo uma interligação entre os âmbitos intelectual e afetivo. Sollars (2004) argumenta que a perlaboração está voltada para lidar com a vivência afetiva do sujeito. Propõe uma comparação da perlaboração com o trabalho de luto, uma vez que ambos lidariam com o desligamento de objetos e de posições. Fenichel (1939) também fez a mesma relação. Porém, vale lembrar que a noção freudiana de perlaboração é específica e foi concebida em um contexto clínico, relacionada ao trabalho envolvido na superação de resistências. Como destaca Leader (2010), uma aproximação dessa ordem tenta dizer com o que a perlaboração se parece, sem conseguir, de fato, explicá-la, além de não ajudar no entendimento do próprio processo de luto. Na visão de Kupermann (2010), a perlaboração seria um marco na

técnica freudiana uma vez que por meio dela seria possível dar forma à experiência afetiva em uma análise. A valorização da perlaboração responderia aos impasses que Freud enfrentou no tratamento do Homem dos lobos. Inclusive, as articulações técnicas de Ferenczi, principalmente a neocatarse, seriam uma resposta às dificuldades relacionadas à perlaboração.

Esta pesquisa é uma reflexão sobre a maneira pela qual se desenvolveu a clínica freudiana e como, a partir dessa prática, a elaboração psíquica não tem só um sentido. Nosso fio condutor são as matrizes da elaboração psíquica, a elaboração associativa e a perlaboração. O viés aqui é: qual o papel de um analista para que uma análise aconteça. Para tanto, discussões sobre como conceber a técnica psicanalítica são fundamentais em nosso caminho. Vamos a algumas delas.

Bleger (1967) sugeriu o termo situação analítica para abarcar os fenômenos envolvidos na relação analista-sujeito. Esses fenômenos são vistos a partir de duas perspectivas complementares: (1) processo, a técnica propriamente dita em conjunto com suas recomendações; (2) não-processo, o enquadramento. Na visão do psicanalista argentino, o enquadre é uma estratégia para promover o processo analítico. Coelho Junior (2019) destaca que, na teorização de Bleger, os aspectos mais primitivos do sujeito estariam contidos na alçada do enquadre. Disso decorre que, para uma análise avançar, por vezes, o próprio enquadre precisa ser revisto e alterado. Claro que, inicialmente, precisa ter contornos bem definidos, emoldurando o processo, mas suas barreiras necessitam apresentar uma certa flexibilidade.

Durante uma situação analítica, teria igual importância momentos em que o enquadre precisa se manter firme, bem delimitado, e outros em que pode, ou mesmo deve, funcionar com maior flexibilidade. Nesse sentido, mudanças podem ter duas ordens: novas propostas técnicas no interior de um mesmo enquadre ou a formulação de um outro enquadre. Nesta pesquisa, proponho que tomemos a elaboração associativa e a perlaboração enquanto processos e não-processos, dando destaque no papel do analista no estabelecimento e na variação do enquadre com o objetivo de promover processos *no* e *do* paciente.

A noção de “Conversação psicanalítica”, proposta por Roussillon (2005), é uma maneira interessante de conceber a sinergia entre o processo e o enquadre. Para o autor francês, o trabalho de diversos psicanalistas promoveu, além de mudanças teóricas e

técnicas, novas concepções dos próprios enquadres clínicos, alterando o dispositivo padrão poltrona-divã. Nesse ponto de vista, o analista atende a partir da necessidade psíquica do sujeito, o que implica que, dependendo do caso, as sessões podem ter a frequência de uma ou mais vezes por semana, mais de uma sessão por dia, usar ou não o divã. Todas as alterações no enquadre visam manter o processo operante, sendo necessário o analista considerar quais seriam os meios mais adequados para a apropriação subjetiva de cada sujeito ao lado da perlaboração do que é vivido e produzido na e pela situação analítica.

Segundo Coelho Junior (2008), é fundamental situar as recomendações técnicas freudianas a partir de uma investigação do interjogo de forças proveniente do campo transferencial/contratransferencial, o que seria possível a partir de considerações a respeito da especificidade da fala e da escuta em conjunto com a presença delas na situação analítica. O autor destaca que a atenção igualmente flutuante é um elemento central e peculiar na escuta analítica, constituindo uma ética da escuta e do falar ao outro em sua alteridade. Este recurso técnico pode ser encarado como uma ética de abertura ao outro, ao inesperado e irreduzível de cada encontro. A partir deste contexto, a atenção flutuante pode ser utilizada para pensar nas dificuldades postas pela transferência em conjunto com a neutralidade do analista.

É uma escuta que permite ao analista colocar o plano reflexivo entre parênteses, se deixando levar em uma experiência pré-reflexiva. A atenção igualmente flutuante foi formulada no pensamento freudiano em 1912, no texto “Recomendações ao médico que pratica a psicanálise”, encarada por Freud como suspensão de julgamentos, de ideias, de sentimentos pré-concebidos e aparece, simultaneamente, como o que impede e o que permite que uma apreensão seja possível. Freud (1912a) destacou uma forma de escuta que deve guiar o analista em sua prática clínica. Seria uma atenção que em nada se detém. Justamente por isso pode se apresentar aberta a todas as diferenças, assim como às semelhanças.

Coelho Junior (2008) aponta que a atenção igualmente flutuante é uma escuta que coloca o âmbito consciente do analista em segundo plano, isto para se deixar levar em uma experiência pré-reflexiva.

Ter, portanto, compreensões e apreensões parciais de um dado fenômeno não deve ser entendido como uma deficiência em nossa capacidade de escuta, já

que a plenitude do fenômeno só seria possível se nos colocássemos em um 'pensamento de sobrevôo', em uma escuta de sobrevôo, que se desse a partir de um espírito absoluto, fora do mundo, que pairasse sobre tudo e sobre todos (COELHO JUNIOR, 2008, p. 89)

Sendo assim, o que está em questão na atenção igualmente flutuante é que o analista se retira de um plano de julgamentos e determinações preestabelecidos para poder ter maior capacidade de contato com as particularidades próprias de uma situação analítica. Esta é uma escuta que se faz no campo transferencial/contrtransferencial no qual o equívoco e o ambíguo se traduzem nos múltiplos sentidos que emergem a cada experiência vivenciada em análise. Cada fala possui uma multiplicidade de sentidos, de direções e de significações que cada experiência carrega em si própria.

Contudo, é possível apreendermos que a escuta do analista é acompanhada de uma interpretação que nunca é neutra, a qual pode provocar alguma movimentação no sujeito. As intervenções analíticas, não apenas as interpretações, ocorrem em um campo e visam atingir uma atenuação do sofrimento do sujeito, possibilitando ou não a perlaboração.

Pelo risco das recomendações técnicas se tornarem um código de conduta, com prescrições e proibições, Coelho Junior (2008) defende que a cada nova intervenção, o analista pode colocar em suspensão a teoria que acredita sustentar. Aqui, a consideração da atenção igualmente flutuante pelo analista é o que permite esta postura clínica, possibilitando transformações na operacionalidade do próprio enquadre. A partir destas considerações, uma intervenção surge da necessidade de tornar, pelo menos em parte, visíveis e apreensíveis aspectos da relação analítica, fazendo com que resistências sejam superadas.

Nesta perspectiva de concepção da técnica, existe uma crença no poder transformador da linguagem, uma vez que em cada fala há preexistência da linguagem e, concomitantemente, a recriação dela, seu poder está justamente nesse movimento ambíguo que

Pode vir a transformar, porque parte de uma história que, se não constitui absolutamente a linguagem, de forma determinista, atua, ao menos, como sentido comum que preexiste àquela fala particular. Ao mesmo tempo, é pelo que tem de inusitado, de inesperado, *é pelo potencial de expressar o que não está podendo ser*

expresso, que a linguagem, na intervenção do analista, pode ser provocadora de um movimento, de uma mudança (COELHO JUNIOR, 2008, pp. 90-91)

Na intervenção de um analista é aberta uma dupla possibilidade: uma linguagem preexistente à sua fala e essa mesma fala também pode ser reinaugurante da linguagem. É no entrelaçamento de polaridades que se coloca a intervenção do analista:

O *entre*, esse local nunca determinado, sempre fugidio, que se articula de forma diferente a cada momento, que não deve ser instituído como lugar, mas como latência, que não deve ser afirmado e demarcado, já que assim corre o risco de se tornar uma posição definida e definitiva, perdendo o que lhe é mais próprio, ou seja, a mobilidade constante, a tensão produtiva presente no entrejogo das polaridades suplementares que constituem a linguagem expressa (COELHO JUNIOR, 2008, p. 91)

Intervenções absolutas que pretendem responder a todas as dúvidas inerentes ao encontro transferencial/contratransferencial provêm de uma fala que parte da crença de que haveria um sujeito independente de um objeto, havendo, portanto, uma verdade que emana de uma consciência absoluta. Contudo, tal verdade pode ser encarada como puramente explicativa, constituída em torno de uma certeza de delimitar as bordas da apreensão total de um fenômeno, reduzindo-o a apenas um único sentido. Os fenômenos são rotulados e, ao se fazer isso, o poder evocativo da linguagem é perdido, eliminando a possibilidade dos múltiplos sentidos de uma experiência e de uma expressão existirem.

A partir das reflexões de Coelho Junior (2008), apreendemos que a intervenção de um analista deve ser encarada como um ato que pretenda, haja vista a marca evocativa da linguagem, uma abertura para que sentidos possam emergir do emaranhado de experiências que há em uma situação analítica. Há um deslocamento de uma posição do analista puramente técnica, para uma ética, constituída em torno da alteridade em relação ao outro.

Com isso, acredito que quando os fenômenos da situação analítica são rotulados e rigidamente delimitados, a possibilidade da perlaboração ocorrer é perdida. A negação da pretensão absoluta, fechada e acabada de uma intervenção é condição primordial para

que as resistências possam ser superadas. Podemos afirmar que, no processo analítico, há um difícil equilíbrio entre escuta, silêncio e intervenções. São os meandros envolvidos em cada um desses aspectos que modelam o campo transferencial/contratransferencial de cada atendimento analítico. A forma que o analista sustenta esse equilíbrio, defendendo, é um pré-requisito fundamental para que a perlaboração se anuncie como possibilidade.

Contudo, dependendo de como uma situação analítica é concebida, a técnica não ganha o aspecto de movimento que vimos até aqui, tornando a perlaboração algo próximo de um efeito único e exclusivo da interpretação do analista. A noção de Strachey (1934), constituída em torno das interpretações mutativas e em clara defesa da neutralidade do analista, não permite esse movimento de pensamento clínico, uma vez que a perlaboração fica subordinada, única e exclusivamente, às interpretações do analista, perdendo os contornos e especificidades de cada análise. Fenichel (1939) acredita que a perlaboração seria produto, único e exclusivo, da interpretação do analista, inclusive a interpretação da transferência e, conseqüentemente, da resistência seriam de suma importância para haver a perlaboração:

Todas as interpretações, particularmente o caso mais importante de interpretação, a interpretação da transferência, deve ser proposta *repetidamente* a cada nova barreira da resistência: em outras palavras, a *perlaboração* é necessária (FENICHEL, 1939, p. 324)

Loewald (1960), enrijecendo ainda mais o enquadre clínico, supõe que o analista representa para o sujeito um grau de organização mais elevado e as interpretações formuladas conduzem a maneira pela qual o sujeito vai perlaborar. Nessa mesma linha, na visão de Greenson (1965), a perlaboração é determinada pelas interpretações do analista e seria o trabalho que promove mudanças no sujeito por causa da superação das resistências. Com menor rigidez técnica, Kris (1956) destaca a interpretação do analista como um auxílio na reconstrução do passado do sujeito e seria papel da perlaboração relacionar o conteúdo das reconstruções com a experiência do sujeito em análise. Para Cymrot (1997), a perlaboração proporciona uma ampliação da realidade psíquica e da realidade externa, possibilitando ao sujeito assimilar a experiência afetiva a partir da interpretação do analista. Cada uma destas articulações envolve como um analista lê, entende e trabalha com as recomendações técnicas.

As ideias de Figueiredo (2008) são importantes para flexibilizar a relação entre perlaboração e interpretação. Para este autor, as técnicas psicanalíticas estão vinculadas às experiências de tratamento, à pesquisa e à construção teórica. Todos esses polos se entrelaçam dialeticamente, mantendo sempre em aberto suas definições, sejam elas dos procedimentos ou das metas de uma análise. Qualquer sobreposição de um polo em detrimento de outro acarreta algo completamente sem sentido e desvinculado da própria experiência analítica. Nesta linha de pensamento, qualquer consideração a respeito da técnica em psicanálise deve conceder um especial enfoque à posição que o analista precisa sustentar para constituir um enquadre, independente do caso.

De acordo com o autor, os artigos técnicos de Freud (1911-1915) podem ser divididos em duas vertentes a respeito da prática terapêutica em psicanálise: discussões das questões técnicas nos contextos estritamente teórico-clínicos do pensamento freudiano e conselhos, dicas e advertências para outros analistas. O importante aqui é ter uma certa cautela e mais liberdade perante os conselhos técnicos freudianos e não os encarar como definitivos, limitadores de um pensamento psicanalítico único e exclusivo. Tais artigos necessitam ser lidos de uma forma menos comprometida com o formalismo e com a disciplina ritualística, muito presente na tradução inglesa de James Strachey.

Figueiredo (2008) sugere que a partir de uma compreensão rigorosa da “negatividade” seria possível circunscrever um substrato comum às questões referentes à técnica psicanalítica. Uma primeira observação se refere ao sentido da palavra *Ratschäge*, que pode ser traduzida como pequenos conselhos, dicas e não recomendações, como o fez a tradução inglesa, que conferiu uma imposição excessiva com relação às articulações técnicas freudianas.

Freud deixou claro que seu objetivo na publicação dos artigos técnicos se refere a uma melhor explicação de regras e procedimentos, com um especial enfoque em interditar certas posições entre analistas inexperientes ou afoitos.

(...) há também uma preocupação de impedir ou dissuadir uma banalização tecnicista das questões técnicas. Isto poderia ocorrer de duas maneiras não exclusivas mas complementares: tanto pode se dar pela uniformização constrangedora dos procedimentos, ou seja, com a perda de contato com as experiências de cura analítica na sua singularidade e especificidade, como pode ocorrer por uma simplificação pragmática, ou seja, com a perda de contato entre as questões técnicas e as

questões teóricas. Por isso Freud tanto temia que escritos sobre questões técnicas fossem acessíveis a leigos. Nos textos sobre técnica e, mais ainda, na ausência de um tratado sobre técnica, Freud estaria protegendo a psicanálise de deteriorações (FIGUEIREDO, 2008, pp. 18-19)

Desta forma, tanto os conselhos técnicos freudianos quanto a falta deles na formulação de um código definitivo, sempre conteriam uma espécie de “natureza negativa”. Em um processo analítico, um aspecto que une as recomendações em face das variáveis envolvidas, tanto dos analistas, quanto dos sujeitos, seriam erros e desvios que precisam ser evitados para que uma análise ocorra: é na negatividade que a aplicação técnica ganha coesão, no que *não fazer*.

A partir dos conselhos técnicos freudianos, Figueiredo (2008) salienta o que deveria ser evitado: em primeiro lugar, o uso abusivo da sugestão, já que a prática da psicanálise não é uma construção autoritária do analista, nem tampouco uma *redescrição* do sofrimento do sujeito. Em seguida, temos a crítica relacionada ao furor interpretativo. Haja vista que as interpretações devem favorecer o processo analítico e não terminarem em si mesmas, mantendo-se em um contato próximo com a experiência e o ritmo de cada sujeito. Também, há o furor curativo, querer curar a qualquer custo, aqui o necessário seria o analista ter uma discreta convicção da possibilidade de amenização do sofrimento. Por último, o furor pesquisante, que é a tendência de alguns analistas colocarem a clínica, com sua complexa temporalidade irregular, como um lugar de fazer ciência. Também há uma interdição a várias maneiras de manejo da situação analítica, tais como a impaciência, relacionada com a pressa na formulação e proposição de interpretações, a busca forçada e guiada de recordações, seguidas de construções.

Freud condenou todas as formas de uso e abuso narcisista e perverso do poder transferencial, uma vez que é improvável fazer uma análise das resistências, liquidar o amor de transferência, suportar o impacto das transferências negativas e analisá-las enquanto há um prevalecimento de ganhos narcísicos por parte do analista. Portanto, é plausível afirmarmos que se um analista não levar em conta a negatividade dos conselhos técnicos não é possível conduzir uma análise de modo efetivo e qualquer chance de haver a perlaboração é extinta.

De acordo com Figueiredo (2008), é necessária a presença da paciência e da discrição, o que ele chama de *reserva*, em uma espera de que o processo analítico se desenvolva com naturalidade e no seu próprio ritmo. Quando o analista consegue interditar os procedimentos excessivos e abusivos no processo de tratamento, uma forma peculiar de presença é aberta: é uma presença que comporta uma certa ausência, o que acaba constituindo *confiabilidade* e *disponibilidade*. Essa noção de reserva é relacionada ao lugar que o analista ocupa, na medida que ele precisa ter uma certa *reserva de si para o outro*, propiciando o surgimento e configuração de esboços de uma experiência nova. Essas ideias guardam uma relação com a temporalidade de uma análise, remetendo-nos a uma importante dimensão da paciência como antídoto ante variações iatrogênicas no enquadre.

Chaves (2001) destaca a importância da paciência do analista para a perlaboração do sujeito, uma vez que é importante uma reserva em relação ao tempo e ao ritmo de cada sujeito na resignificação dolorosa de seu passado, uma vez que o efeito de uma intervenção não é instantâneo,

(...) agora o paciente já “sabe” muitas coisas. Mas isso não é suficiente. É preciso “trabalhar através” (significado literal de *Durcharbeiten*) disso que é dado como “sabido” à luz dessa outra gramática, dessa outra lógica que se abre na medida em que os escolhos da resistência foram superados (CHAVES, 2001, p. 7)

Seria importante o analista aguardar o tempo de assimilação inerente à perlaboração, uma vez que seria difícil impedir que resistências apareçam novamente ou ainda acelerar o processo de perlaboração, dado que o tempo do sujeito é único. Implicação e reserva ajudam a sustentar o processo analítico e o enquadre, mantendo possíveis as condições para a ocorrência da perlaboração. A inter-relação entre passado, presente e futuro é o que configura a temporalidade da perlaboração. Guarnieri (2013) sublinha esse aspecto como uma subversão na relação com o tempo cronológico que, pela ocorrência da perlaboração, reorganiza a temporalidade interna do sujeito e possibilita a ele re-experimentar pensamentos, afetos e recordações continuamente e, com isso, ter contato com a paradoxal atemporalidade dos processos primários. Donnet (2000) sugere que a perlaboração acontece em silêncio, constituindo e dando maior consistência à realidade psíquica do sujeito, o que só é possível quando o analista sustenta uma espera.

Neste sentido, retomando as ideias de Figueiredo (2008), as interdições, a natureza negativa das recomendações técnicas, estão a serviço da criação de um espaço e tempo para comunicações inesperadas e não programadas. Seria um espaço e um tempo onde as produções inconscientes de cada participante, em conjunto com as comunicações inconscientes entre eles, possam ocorrer lado a lado, invadindo-se, justamente porque o que se pretende em uma análise é um maior trânsito intrapsíquico e intersubjetivo, condição necessária para encarar as resistências.

A partir destas ideias, acredito que a perlaboração é uma matriz de trabalho clínico transferencial e intersubjetivo. Desde que foi apresentada por Freud em 1914, a perlaboração não é um trabalho com o propósito de eliminar a resistência, mas um trabalho que ocorre devido à resistência do Eu pré-consciente. Essa seria sua área de atuação específica, relacionada, portanto, a apenas um modelo de resistência. No desenvolvimento dessa pesquisa, veremos que a atuação da perlaboração permite um novo balanço energético entre as cargas excitatórias e, com isso, dá condições para o exercício da elaboração associativa, com novas conexões entre afetos e representações correspondentes.

Destaco aqui que é no modo que o analista sustenta o processo analítico, mantendo mais fixo ou elástico as bordas do enquadre, dependendo das particularidades de um caso, que a perlaboração acontece. Uma maneira de discutir variações na constituição de um enquadre clínico pode ser apresentada por meio da perlaboração dos 3 diferentes tipos de resistência que Freud nos apresentou em 1926, no texto “Inibição, sintoma e angústia”, período em que a teoria do aparelho psíquico foi revista. A saber, resistências do Eu (resistência do recalcado, resistência de transferência e o benefício secundário da doença), do Id (compulsão à repetição) e do Super-eu (sentimento inconsciente de culpa).

Se a resistência foi dividida em 3 tipos, conseqüentemente o trabalho com cada uma delas seria diferente. Seguimos as ideias de Roussillon (2016), na qual a perlaboração não se daria da mesma forma em cada um desses tipos de resistência, tendo particularidades técnicas específicas para cada um deles. Haveria 3 modelos de perlaboração, portanto.

Acredito que as diferentes nuances que a perlaboração pode assumir, dependendo da maior presença de um tipo de resistência em um caso, apontam para a necessidade do analista não enrijecer demais seu enquadre clínico. Isso porque a eficácia do tratamento

psicanalítico depende de uma condição prévia: a constituição, o estabelecimento e a operatividade de uma situação analítica. Afirmção que me motiva questionar e pesquisar os diferentes lugares que um analista pode ocupar para que a perlaboração de um sujeito ocorra.

Um dos psicanalistas que mais trabalhou e refletiu sobre o benefício de realizar constantes alterações na situação analítica para que uma análise tenha operatividade foi Sándor Ferenczi. Busquei auxílio em algumas de suas ideias pois ele sempre se mostrou disposto a receber e trabalhar com diferentes casos, procurando justamente fazer com que seus pacientes tivessem algum benefício do tratamento que realizavam. Ferenczi (1928 a, b) valorizou a perlaboração como sinal da eficácia e de um possível encaminhamento para o encerramento de uma análise. Ainda vale pontuar que Freud e Ferenczi eram contemporâneos, mantiveram uma relação de trabalho contínua, mesmo sendo conturbada em alguns momentos.

As ideias de Ferenczi foram de grande valia para pensarmos possíveis destinos que a perlaboração tomou no campo psicanalítico, suas reflexões são importantes para questionar o lugar que um analista ocupa para que uma análise exista e, conseqüentemente, a perlaboração ocorra. Vale dizer que já no início da década de 1920, diferentes variações de enquadre começaram a ser discutidas por vários analistas, inclusive Freud, como pode ser visto nas dificuldades que enfrentou na condução do caso do Homem dos lobos.

Acredito que é a partir das questões emergentes na clínica que novas proposições teóricas foram e são sugeridas no campo psicanalítico, alterando o processo analítico e, por vezes, o enquadre também. Suponho que dependendo da circunstância do encontro transferencial em um caso e/ou do próprio diagnóstico, uma ou outra modalidade de resistência tem maior presença e exige a consideração de um modelo de perlaboração específico. O que impõe a necessidade de alterações no uso da técnica e dos lugares que um analista pode ocupar para o sujeito durante uma análise. Isso para promover a amenização do sofrimento psíquico, uma vez que houve uma reconfiguração de experiências, pensamentos, afetos e representações. Veremos que é pela atuação das duas matrizes da elaboração psíquica que o efeito de uma análise é fundamentado.

Por fim, importante dizer que investigação proposta nesta tese se relaciona com à exploração e à descrição dos diferentes registros do funcionamento da elaboração

associativa e da perlaboração e suas relações com a técnica psicanalítica. Para tanto, teremos três vértices: (1) como a elaboração associativa e a perlaboração foram formadas e definidas no pensamento freudiano, apontando a relação entre ambas; (2) a partir do cruzamento entre a obra de Freud e a de Ferenczi, mostrar como é a partir dos diferentes posicionamentos que um analista ocupa durante uma análise que a perlaboração das resistências acontece, mudanças na teoria psicanalítica são feitas e efeitos terapêuticos podem ser alcançados, com isso, evidenciaremos como ocorreu a passagem de uma clínica psicanalítica, inicialmente, com ênfase em uma dimensão intrapsíquica para uma intersubjetiva e (3) tendo como referência as reflexões técnicas de Ferenczi em conjunto com a segunda tópica do aparelho psíquico freudiana, demonstraremos a maneira que ocorre a perlaboração nas categorias de resistência do Id e do Super-eu.

Metodologia

Esta é uma pesquisa teórico-conceitual em psicanálise. Minha fonte primária foram os textos de Sigmund Freud e de Sándor Ferenczi presentes nas obras completas de cada um desses autores. As novas traduções brasileiras da obra de Freud – Obras Psicológicas de Sigmund Freud, editada pela Imago (2004); Sigmund Freud: obras completas, editada pela Companhia das letras (2010) e Obras incompletas de Sigmund Freud, editada pela Autêntica (2013) – serão utilizadas sempre que possível. Devido a extensão e complexidade dos escritos freudianos e ferenczianos, busquei interlocução com comentadores da obra destes autores relacionadas ao tema de pesquisa.

A escolha dos textos de Freud necessita ser explicitada, uma vez que não irei abordar a sua obra completa. O primeiro delineamento relaciona-se aos textos que tratam da teoria da técnica: “Comunicação Preliminar” (1893a), “As neuropsicoses de defesa” (1894), “A psicoterapia da histeria” (1895), os artigos técnicos (1911-1915), “Caminhos da terapia psicanalítica” (1919), “Análise terminável e interminável” (1937a) e “Construções na análise” (1937b), também são fundamentais os textos teóricos “A interpretação dos sonhos” (1900), “Introdução ao Narcisismo” (1914b), “A repressão” (1915b), “O inconsciente” (1915c), “Além do princípio do prazer” (1920), “O Eu e o Id” (1923) e “Inibição, sintoma e angústia” (1926a) e “Compêndio de psicanálise” (1940[1938]). Além destes, trabalharei os casos clínicos freudianos: *Miss Lucy* (1893b),

Katharina (1893c), Elisabeth Von R. (1893d), Dora (1905[1901]), Homem dos Ratos (1909a) e o Homem dos Lobos (1918[1914]).

O foco é evidenciar que foi a partir das dificuldades que Freud enfrentou nesses casos que mudanças teóricas e técnicas foram realizadas em seu pensamento. Nosso fio condutor é identificar como o papel ocupado pelas duas matrizes da elaboração psíquica ocasionaram alterações no processo e no enquadre para promover e sustentar uma situação analítica. É a partir desse contexto que as contribuições de Ferenczi serão fundamentais.

Com relação aos textos ferenczianos, o delineamento também é em relação aos textos da teoria da técnica: “A técnica psicanalítica” (1919a), “Dificuldades técnicas de uma análise de histeria” (1919b), “A influência exercida sobre o paciente em análise” (1919c), “Psicanálise de um caso de hipocondria histérica” (1919d), “Prolongamentos da técnica ativa” (1921), “As fantasias provocadas” (1924a), “Perspectivas da psicanálise” (1924b), “Contra-indicações da técnica ativa” (1926), “O problema do fim da análise” (1928a), “Elasticidade da técnica psicanalítica” (1928b), “Princípio de relaxamento e neocatarse” (1930) e algumas passagens presentes no Diário clínico (1932) também foram utilizadas. Alguns textos teóricos também são importantes para fundamentar nossa discussão: “A adaptação da família à criança” (1928c), “A criança mal acolhida e sua pulsão de morte” (1929), “Análise de crianças com adultos” (1931), “Confusão de língua entre os adultos e a criança” (1933) e “Reflexões sobre o trauma” (1934).

As considerações de Laplanche (1969, 1998), Pingaud (1969) e Pontalis (1969) me ajudam a embasar a metodologia aqui proposta. De acordo com estes autores, a produção de conhecimento em psicanálise se daria em torno de um movimento espiralado que é refeito a cada passagem, sendo muitas vezes problemático considerar um momento específico como sendo o verdadeiro e o correto em detrimento de muitos outros.

Para minimizar os efeitos de seguir uma mera cronologia nesta pesquisa, procurei realizar um duplo movimento: explorar e descrever os diferentes registros do funcionamento da elaboração psíquica em suas diferentes matrizes, elaboração associativa e perelaboração, concomitantemente, busquei relacionar as suas origens ao lado das ramificações conceituais específicas que cada uma pertence. Acredito que sustentar este posicionamento é fundamental para manter um certo nível de tensão entre

os possíveis direcionamentos teóricos presentes na teoria psicanalítica, o que pode favorecer a proposição de novas articulações.

Meu principal suporte para interpretar os escritos psicanalíticos é a perspectiva hermenêutica baseada nas proposições de Laplanche (1969, 1998). Como pretendo realizar o estudo das diferentes matrizes do que, aparentemente, seria um conceito específico e único, a elaboração psíquica, recorri a um método de leitura que me permitiu redescobrir o que entendo a respeito do que Freud e Ferenczi propunham no nível conceitual. O apoio para vincular a abordagem hermenêutica à pesquisa teórica em psicanálise é proposto por Laplanche (1969) da seguinte maneira:

O empreendimento do qual esboçamos aqui certas condições de possibilidade é diferente: transpor, *mutatis mutandis*, o método freudiano de análise do indivíduo e de seu desejo, para as *exigências* de um pensamento, ou seja, àquilo que, no plano da discursividade, mais se *aparenta* a este desejo (...) Percorrer a obra em todos os sentidos sem nada omitir e sem nada privilegiar a priori talvez seja para nós o equivalente da regra fundamental da cura (p. 6)

Esta forma de pesquisa conceitual em psicanálise busca definir diretrizes para a realização de uma leitura que procura retomar o desenvolvimento do pensamento psicanalítico sempre tensionando polos. Em meu caso, descrever os diferentes registros de funcionamento da elaboração associativa e da perlaboração em conjunto com a teoria da técnica. Penso que esta abordagem se adequa na maneira que busquei me apropriar do desenvolvimento da elaboração associativa e da perlaboração no pensamento freudiano e também destacar o desenvolvimento da perlaboração no campo psicanalítico tendo como principal enfoque as contribuições de Ferenczi.

É fato que tanto na obra de Freud quanto na de Ferenczi, uma questão clínica se encontra contida e, por vezes, ultrapassada pela seguinte, uma vez que foram as responsáveis por alterações técnicas e teóricas. Não procurei enquadrar o pensamento destes autores a partir de uma perspectiva de transição de problemas, mas sim de complementaridade.

Segundo Mezan (1993a), a metodologia laplanchiana não concebe a história da produção de conhecimento em psicanálise como um eterno recomeço. Pelo contrário, procura destacar que haveria nela uma cota de *cumulatividade*, relacionada aos

progressos, aos retrocessos, aos avanços e às ressignificações. Nesse contexto, o entendimento de um conceito no interior deste campo teórico-metodológico não é encarado como sendo puramente linear, justamente porque diferentes teorizações se intercalariam entre si e a formulação de uma delas só seria feita se outros precedentes teóricos tivessem sido anteriormente realizados.

Para Pontalis (1969), ao realizar uma pesquisa como a que pretendi realizar aqui, seria preciso considerar a seguinte indicação: a complexidade e a diversidade na reflexão sobre uma situação analítica *obrigam* a teorização em psicanálise a se reorganizar. Por isso, seria difícil e teoricamente impreciso apontar em um pensamento psicanalítico “uma introdução de um pedaço de saber no interior de um conhecimento positivo, antes do que uma sucessão de estratos, é uma problemática que se acha transtornada que, aliás, procura seu equilíbrio, ou seu desequilíbrio” (PONTALIS, 1969, p. 10).

Busquei encadear a série de estratos envolvidos em cada matriz da elaboração psíquica, relacionando a elaboração associativa e a perlaboração, em seus diferentes modelos, a partir da função que desempenharam na organização teórica e técnica do pensamento psicanalítico.

Considerações finais

Presunção da palavra experiência. A experiência não é experimental. Não se pode provocá-la. Apenas se submeter a ela. Antes paciência que experiência. Nós esperamos – ou melhor, nós padecemos. Na prática: ao fim da experiência não se é sábio, se é especialista. Mas em que? (CAMUS, 1935/2014, p. 11)

Para terminar essa tese, após oito anos pesquisando o mesmo tema, pergunto-me o que me motivou a estudar a elaboração a partir dos dois parágrafos presentes em “Recordar, repetir e elaborar” (1914a), único trecho sobre perlaboração no pensamento freudiano, ironicamente introduzidos com “Eu poderia me deter aqui, se o título desse ensaio não me obrigasse à exposição de mais um ponto da técnica psicanalítica” (FREUD, 1914a/2010, p. 207).

Pensando agora, realizei essa pesquisa sobre um fenômeno, a partir do que nós, analistas, fazemos referência sobre o efeito terapêutico ou o resultado de uma intervenção, quando dizemos que o paciente elaborou algo ou que o efeito de uma análise levou a tal elaboração. Contudo, tanto para preservar a técnica psicanalítica de deturpações quanto pela própria dificuldade em definir teoricamente um fenômeno, é possível sermos tomados pela sensação de que tangenciamos uma definição para a elaboração. Por isso a noção de matrizes ajudou a entendermos o panorama e diferenciarmos diferentes tipos de trabalho.

Mas o que é a elaboração? Como todo fenômeno, acredito que podemos explicá-la a partir do que sentimos e a dimensão do reconhecimento é fundamental para dar legitimidade ao que é vivido em uma situação analítica.

Em nosso percurso, vimos a mudança de uma clínica freudiana inicialmente formada a partir de uma perspectiva intrapsíquica, quando a elaboração associativa era o principal operador clínico, para uma intersubjetiva a partir da introdução da perelaboração em 1914, sendo que a sua divisão em modelos deixa essa observação ainda mais evidente.

Acredito que a técnica, ao lidar com a transferência negativa, inaugurou um caminho para que a perelaboração tivesse diferentes modelos, haja vista que para responder a intensidade da transferência negativa foi necessária a introdução de ordens de sustentação e transformação de intensidades no próprio analista. Foi Ferenczi quem refletiu sobre como tornar viável a consideração técnica da contratransferência como recurso fundamental para acolher e responder à transferência negativa do sujeito. Preservando e sustentando a vitalidade de um espaço no qual comunicações e comportamentos violentos se viabilizem em conjunto com as transformações das intensidades recebidas pelo analista, em uma forma de comunicação viável e possível de ser sentida pelo sujeito.

Ao questionar o papel do analista na transformação de uma angústia extrema e por isso demandante de uma resposta diante do sofrimento daquele que está em nossa frente, acredito que a perelaboração tem um aspecto econômico fundamental, que carrega dimensões de confronto e acolhimento que podem ajudar o analista diante de situações difíceis. Confronto ao comunicar e desvelar resistências e acolhimento na forma de dizer e pontuar o que é percebido.

Nesse sentido, teríamos duas ordens compondo a comunicação em análise, a verbal, a partir do que é falado com palavras pela dupla, e uma das intensidades, o que é sentido e comunicado na e pela situação analítica. Os modelos da perlaboração do Id e do Super-eu trazem a importância da contratransferência como forma de viabilizar diferentes ordens de comunicação em uma análise, valorizando a repetição.

Ao concluir essa pesquisa, penso que foi possível alcançar um modo de pensar a psicanálise contemporânea, valorizando o pensamento freudiano em suas estruturas fundantes e relacioná-lo com discussões e reflexões aparentemente distantes dele, como as articulações técnicas propostas por Ferenczi a partir de 1924. Posicionamento fundamental para apresentarmos as bases constituintes dos modelos da perlaboração do Id e do Super-eu.

Reconheço que uma definição fechada e acabada da perlaboração ou da elaboração associativa seja inviável, pois imobiliza a fluidez ou o caráter espiralado do pensamento freudiano, o que não significa que articulações não tenham que ser propostas ao lado das diferenças técnicas e teóricas.

Ao marcarmos o lugar da elaboração associativa e discutirmos tecnicamente os diferentes modelos da perlaboração, apontando os elementos que os compõe, penso que consegui valorizar a importância da elaboração para a psicanálise, evitando proposições normativas que inviabilizam a transmissão do conhecimento e o contato com o outro.

Retomando o sonho que abriu o texto, consegui viabilizar formas de comunicação que permitiram algum trânsito em minha própria festa, trazendo maior fluidez nas reflexões que foram propostas. Possivelmente, o rosto sombreado seja eu mesmo em uma situação ainda não reconhecida e a volta da minha fala no texto, entrecortada por outras situações em minha própria vida, trouxe a dimensão do reconhecimento da minha voz e do meu lugar enquanto pesquisador e analista. Por fim, a elaboração traz o impacto de sentir *ser*, ou seja, reconhecer-se diante do seu desejo.

A elaboração, em suas diferentes matrizes, carrega a importância da vinculação e do sentido, criados a partir de experiências intrapsíquicas e intersubjetivas, que muitas vezes nos escapam em virtude dos sintomas e das resistências.

Referências⁴

- Abraham, K. (1919). A particular form of neurotic resistance against the psycho-analytic method. In K. Abraham. *Selected Papers on Psycho-analysis* (pp. 303-311). Londres: Karnac.
- Abraham, N. & Torok, M. (1995). *A casca e o núcleo* (M. J. Coracini, trad.) São Paulo: Escuta.
- Abrantes, T. (2016). As formulações da elaboração psíquica (*Verarbeitung e Durcharbeitung*) no pensamento freudiano: dos estudos sobre a histeria aos artigos técnicos. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Andersson, O. (2000). *Freud precursor de Freud: estudos sobre a pré-história da psicanálise* (L. C. U. Junqueira Fiho, trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Anzieu, D. (1970). Éléments d'une théorie de l'interprétation. In R. Kaës (Org.), *Le travail de l'Inconscient* (pp. 507-570). Paris: Dunod.
- Avello, J.J. (2006). *La isla de sueños de Sándor Ferenczi. Nada más que pulsión de vida*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Bálint, A. & Bálint, M. (1939). On Transference and Counter-Transference. *International Journal of Psychoanalysis*, n.20, pp. 223-230.
- Balint, M. (1966). Experiências técnicas de Sándor Ferenczi. In: B. Wolman (Org). *As técnicas psicanalíticas* (pp. 9-33). Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.2.
- Barande, I. (1996). *Sándor Ferenczi*. Paris: Payot.
- Bergler, E. (1945). "Working Through" in Psychoanalysis. *Psychoanalytic Review*, v. 32, n. 4, pp. 449-480.
- Bleger, J. (1985). Psicanálise do enquadramento psicanalítico. In J. Bleger. *Simbiose e Ambiguidade* (M. L. Borges, trad., pp 311-328). Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1967)
- Blum, H.P. (1974). The Borderline Childhood of the Wolf Man. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, n. 22, pp. 721-742.
- Bokanowski, T. (2000). *Sándor Ferenczi* (M. Seincman, trad). São Paulo: Via Lettera.
- Bokanowski, T. (2004). Splitting, fragmenting and mental agony : the clinical thinking of Sándor Ferenczi. *International Forum of Psychoanalysis*, 13 (1-2), pp. 20-25.
- Bokanowski, T. (2005). Le concept de *trauma* chez S. Ferenczi. In M. Brette, M. Emmanuelli e G. Pragier (Orgs). In *Monographies de psychanalyse de la Revue*

⁴ De acordo com o estilo APA – American Psychological Association.

Française de psychanalyse - Le traumatisme psychique: Organization e désorganisation (pp.27-42). Paris: PUF.

Brenner, C. (1987). Working through: 1914-1984. *The Psychoanalytic Quarterly*, n. 56, pp. 88-108.

Breuer, J. (2006). Considerações teóricas. In J. Strachey (Org.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. II, pp. 207-268). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1893)

Breuer, J. & Freud, S. (2006). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: Comunicação preliminar. In J. Strachey (Org.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. II, pp. 39-53). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1893a)

Breuer, J. & Freud, S. (2006). Miss Lucy R. In J. Strachey (Org.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. II, pp. 134-150). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1893b)

Breuer, J. & Freud, S. (2006). Katharina. In J. Strachey (Org.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. II, pp. 151-160). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1893c)

Breuer, J. & Freud, S. (2006). Elisabeth von R. In J. Strachey (Org.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. II, pp. 161-202). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1893d)

Bruswick, R. M. (1981). Supplément à l' "Extrait de l'histoire d'une nevrose infantile" de Freud. In Gardiner (Org.). In *L'homme aus loups par ses psychanalystes et par lui-même* (pp. 268-313). Paris: Gallimard.

Campos, E. B. V. (2014). *Limites da representação na metapsicologia freudiana*. São Paulo: Edusp.

Camus, A. (2014). *Esperança do Mundo* (R. Araújo e S. Geske, trads.). São Paulo: Hedra.

Chaves, E. (2001). A paciência no trabalho analítico. *Pulsional - Revista de psicanálise*, 147, ano XIV, pp. 5-11.

Coelho Junior, N. E. (1995). *A força da realidade na clínica freudiana*. São Paulo: Escuta.

Coelho Junior, N. (2004). Ferenczi e a experiência da *Einfühlung*. *Ágora*, v. VII, n. 1, pp 73-85.

Coelho Junior, N. E. & Figueiredo, L.C. (2008). Apresentação. In L. C. Figueiredo e N. Coelho Junior, *Ética e Técnica em Psicanálise* (2° ed., pp. 7-10). São Paulo: Escuta.

Coelho Junior, N. E. & Figueiredo, L.C. (2012). Figuras da intersubjetividade na constituição subjetiva: dimensões da alteridade. In N. Coelho Junior, P. Salem e P. Klatau (Orgs). In *Dimensões da intersubjetividade* (pp. 19-38). São Paulo: Escuta.

Coelho Junior, N. E. & Figueiredo, L.C. (2018). Introdução. In L. C. Figueiredo e N. Coelho Junior, *Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura: matrizes e modelos em psicanálise* (pp. 9-26). São Paulo: Blucher.

- Coelho Junior, N. E. (2008). Fala, escuta e campo terapêutico em psicanálise. In L. C. Figueiredo e N. Coelho Junior, *Ética e Técnica em Psicanálise* (2º ed., pp. 67-96). São Paulo: Escuta.
- Coelho Junior, N. E. (2018). A matriz ferencziana. In L. C. Figueiredo e N. Coelho Junior, *Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura: matrizes e modelos em psicanálise* (pp. 117-186). São Paulo: Blucher.
- Coelho Junior, N. E. (2019). Técnica e ética na psicanálise contemporânea: apontamentos sobre mudanças na técnica e no enquadre. *Sig Revista de Psicanálise*, v. 8, pp. 11-28.
- Cymrot, P. (1997). *Elaboração Psíquica-teoria e clinica psicanalítica* (3º ed.) São Paulo: Escuta.
- Dal Molin, E. C. (2016). *O terceiro tempo do trauma: Freud, Ferenczi e o desenho de um conceito*. São Paulo: Perspectiva.
- Deutsch, H. (1973). *Confrontations with myself*. Nova York: Norton.
- Donnet, J. (2000). Le silence de la perlaboration. *Revue française de psychanalyse*, v. 64, n. 4, pp. 1115-1119.
- Eissler, K.R. (1953). The Effect of the Structure of the Ego on Psychoanalytic Technique. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, n. 1, pp. 104-143.
- Etchegoyen, R. H. (2004). *Fundamentos da técnica psicanalítica* (F. Settineri, trad., 2º ed.). Rio Grande do Sul: Artmed.
- Fenichel, O. (1939). Problems of Psychoanalytic Technique. *Psychoanalytic Quarterly*, n. 8, pp. 303-324.
- Ferenczi, S. (1990). *Diário clínico* (A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1932)
- Ferenczi, S. (2011). Transferência e introjeção. In *Obras Completas – Psicanálise I* (2º ed., A. Cabral trad., Vol. 1, pp. 87-124). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1909)
- Ferenczi, S. (2011). Sintomas transitórios no decorrer de uma psicanálise. In *Obras Completas – Psicanálise I* (2º ed., A. Cabral trad., Vol. 1, pp. 213-224). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1912)
- Ferenczi, S. (2011). Um sintoma transitório: a posição do paciente durante o tratamento. In *Obras Completas – Psicanálise II* (2º ed., A. Cabral trad., Vol. 2, pp. 77-78). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1913a)
- Ferenczi, S. (2011). O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. In *Obras Completas – Psicanálise II* (2º ed., A. Cabral trad., Vol. 2, pp. 45-62). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1913b)
- Ferenczi, S. (2011). A técnica psicanalítica. In *Obras Completas – Psicanálise II* (2º ed., A. Cabral trad., Vol. 2, pp. 407-420). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1919a)
- Ferenczi, S. (2011). Dificuldades técnicas de uma análise de histeria. In *Obras Completas – Psicanálise III* (2º ed., A. Cabral trad., Vol. 3, pp. 1-8). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1919b)

- Ferenczi, S. (2011). A influência exercida sobre o paciente em análise. In *Obras Completas – Psicanálise III* (2º ed., A. Cabral trad., Vol. 3, pp. 9-13). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1919c)
- Ferenczi, S. (2011). Psicanálise de um caso de hipocondria histérica. In *Obras Completas – Psicanálise III* (2º ed., A. Cabral trad., Vol. 3, pp. 67-72). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1919d)
- Ferenczi, S. (2011). Prolongamentos da técnica ativa. In *Obras Completas – Psicanálise III* (2º ed., A. Cabral trad., Vol. 3, pp. 117-136). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1921)
- Ferenczi, S. (2011). As fantasias provocadas. In *Obras Completas – Psicanálise III* (2º ed., A. Cabral trad., Vol. 3, pp. 261-270). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1924a)
- Ferenczi, S. (2011). Perspectivas da psicanálise. In *Obras Completas – Psicanálise III* (2º ed., A. Cabral trad., Vol. 3, pp. 243-260). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1924b)
- Ferenczi, S. (2011). Psicanálise dos hábitos sexuais. In *Obras Completas – Psicanálise III* (2º ed., A. Cabral trad., Vol. 3, pp. 359-398). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1925)
- Ferenczi, S. (2011). Contra-indicações da técnica ativa. In *Obras Completas – Psicanálise III* (2º ed., A. Cabral trad., Vol. 3, pp. 401-412). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1926)
- Ferenczi, S. (2011). O problema do fim da análise. In *Obras Completas – Psicanálise IV* (2º ed., A. Cabral trad., Vol. 4, pp. 17-28). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928a)
- Ferenczi, S. (2011). Elasticidade da técnica psicanalítica. In *Obras Completas – Psicanálise IV* (2º ed., A. Cabral trad., Vol. 4, pp. 29-42). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928b)
- Ferenczi, S. (2011). A adaptação da família à criança. In *Obras Completas – Psicanálise IV* (2º ed., A. Cabral trad., Vol. 4, pp. 1-16). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928c)
- Ferenczi, S. (2011). A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In *Obras Completas – Psicanálise IV* (2º ed., A. Cabral trad., Vol. 4, pp. 55-60). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1929)
- Ferenczi, S. (2011). Princípio de relaxamento e neocatarse. In *Obras Completas – Psicanálise IV* (2º ed., A. Cabral trad. Vol. 4, pp. 61-78). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1930)
- Ferenczi, S. (2011). Análises de crianças com adultos. In *Obras Completas – Psicanálise IV* (2º ed., A. Cabral trad. Vol. 4, pp. 79-96). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1931)
- Ferenczi, S. (2011). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In *Obras Completas – Psicanálise IV* (2º ed., A. Cabral trad. Vol. 4, pp. 111-135). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933)

- Ferenczi, S. (2011). Reflexões sobre o trauma. In *Obras Completas – Psicanálise IV* (2º ed., A. Cabral trad. Vol. 4, pp. 125-135). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1934)
- Ferman, A. F. (2001). Perlaboración. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis: Memoria, historización y construcción*, n. 93, pp. 51-68.
- Figueiredo, L. C. (1989). *Matrizes do pensamento psicológico*. Petrópolis: Vozes.
- Figueiredo, L.C. (2008). Presença, implicação e Reserva. In L. C. Figueiredo e N. Coelho Junior, *Ética e Técnica em Psicanálise* (2º ed., pp. 13-54). São Paulo: Escuta.
- Figueiredo, L. C. (2019). Ser psicanalista: um ofício meio doido. *Estudos de Psicanálise*, n.52, pp. 173-179.
- Forrester, J. (1990). Os prazeres inauditos da psicanálise: Freud, Dora e a Madonna. In J. Forrester *Seduções da psicanálise: Freud, Lacan e Derrida* (M. S. Nobre, trad., pp. 139-216). Campinas: Papirus.
- Freud, S. (2013). Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico. In *Obras Incompletas de Sigmund Freud* (E. Brito Rosse, trad., vol 1, pp. 15-150). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1891)
- Freud, S. (2006). As neuropsicoses de defesa. In J. Strachey (Org.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. III, pp. 51-72). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1894)
- Freud, S. (2006). Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada ‘Neurose de angústia’. In J. Strachey (Org.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. III, pp. 91-118). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895[1894])
- Freud, S. (2006). A psicoterapia da histeria. In J. Strachey (Org.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. II, pp. 271-316). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895)
- Freud, S. (2006). A interpretação dos sonhos. In J. Strachey (Org.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. IV e V). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (2006). O método psicanalítico de Freud. In J. Strachey (Org.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. VII, pp. 233-240). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1904[1903])
- Freud, S. (2006). Fragmento da análise de um caso de histeria. In J. Strachey (Org.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. VII, pp. 15-116). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905[1901])
- Freud, S. (2006). Sobre a psicoterapia. In J. Strachey (Org.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. VII, pp. 241-254). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905 [1904])
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Sigmund Freud: Obras completas* (P. César de Souza, trad., vol. 6, pp. 13-172). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)

- Freud, S. (2015). As fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade. In *Sigmund Freud: Obras completas* (P. César de Souza, trad., vol. 8, pp. 339-349). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1908a)
- Freud, S. (2015). O escritor e a fantasia. In *Sigmund Freud: Obras completas* (P. César de Souza, trad., vol. 8, pp. 325-338). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1908b)
- Freud, S. (2013). Observações sobre um caso de neurose obsessiva. In *Sigmund Freud: Obras completas* (P. César de Souza, trad., vol. 9, pp. 13-112). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1909a)
- Freud, S. (1989). *L'Homme aux rats – Journal d'une analyse*. Paris: P.U.F. (Trabalho original publicado em 1909b)
- Freud, S. (2013). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem- Contribuições à psicologia do amor I. In *Sigmund Freud: Obras completas* (P. César de Souza, trad., vol. 9, pp. 334-346). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1910a)
- Freud, S. (2013). As perspectivas futuras da terapia psicanalítica. In *Sigmund Freud: Obras completas* (P. César de Souza, trad., vol. 9, pp. 287-301). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1910b)
- Freud, S. (2010). O uso da interpretação dos sonhos na psicanálise. In *Sigmund Freud: Obras completas* (P. César de Souza, trad., vol. 10, pp. 122-132). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911)
- Freud, S. (2010). Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. In *Sigmund Freud: Obras completas* (P. César de Souza, trad., vol. 10, pp. 147-162). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912a)
- Freud, S. (2010). A dinâmica da transferência. In *Sigmund Freud: Obras completas* (P. César de Souza, trad., vol. 10, pp. 133-146). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912b)
- Freud, S. (2013). Totem e Tabu. In *Sigmund Freud: Obras completas* (P. César de Souza, trad., vol. 11, pp. 13-244). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912-1913)
- Freud, S. (2010). Recordar, Repetir e Elaborar. In *Sigmund Freud: Obras completas* (P. César de Souza, trad., vol. 10, pp. 193-209). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914a)
- Freud, S. (2010). Introdução ao Narcisismo. In *Sigmund Freud: Obras completas* (P. César de Souza, trad., vol. 12, pp. 13-50). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914b)
- Freud, S. (2012). Contribuição à História do movimento psicanalítico. In *Sigmund Freud: Obras completas* (P. César de Souza, trad., vol. 11, pp. 245-327). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914c)
- Freud, S. (2010). Observações sobre o amor transferencial. In *Sigmund Freud: Obras completas* (P. César de Souza, trad., vol. 10, pp. 210-228). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915a)

- Freud, S. (2010). A repressão. In *Sigmund Freud: Obras completas* (P. César de Souza, trad., vol. 12, pp. 82-98). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915b)
- Freud, S. (2010). O inconsciente. In *Sigmund Freud: Obras completas* (P. César de Souza, trad., vol. 12, pp. 99-137). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915c)
- Freud, S. (2006). Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos. In J. Strachey (Org.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917[1915])
- Freud, S. (2014). Conferência 19: Resistência e Repressão. In Conferências introdutórias à psicanálise. In *Sigmund Freud: Obras completas* (P. César de Souza, trad., vol. 13, pp. 381-400). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917)
- Freud, S. (2010). História de uma Neurose Infantil. In *Sigmund Freud: Obras completas* (P. César de Souza, trad., vol. 14, pp. 13-160). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1918[1914])
- Freud, S. (2010). Caminhos da terapia psicanalítica. In *Sigmund Freud: Obras completas* (P. César de Souza, trad., vol. 14, pp. 279-292). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. In *Sigmund Freud: Obras completas* (P. César de Souza, trad., vol. 14, pp. 161-239). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2013). O eu e o id. In *Sigmund Freud: Obras completas* (P. César de Souza, trad., vol. 16, pp. 13-74). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2013). O problema econômico do masoquismo. In *Sigmund Freud: Obras completas* (P. César de Souza, trad., vol. 16, pp. 184-202). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (2013). Autobiografia. In *Sigmund Freud: Obras completas* (P. César de Souza, trad., vol. 16, pp. 75-167). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925)
- Freud, S. (2014). Inibição, Sintoma e Angústia. In *Sigmund Freud: Obras completas* (P. César de Souza, trad., vol. 17, pp. 13-123). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926a)
- Freud, S. (2014). A questão da análise leiga. In *Sigmund Freud: Obras completas* (P. César de Souza, trad., vol. 17, pp. 124-230). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926b)
- Freud, S. (2014). O futuro de uma ilusão. In *Sigmund Freud: Obras completas* (P. César de Souza, trad., vol. 17, pp. 231-301). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1927)
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In *Sigmund Freud: Obras completas* (P. César de Souza, trad., vol. 18, pp. 13-123). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)

- Freud, S. (2010). Conferência 32: Angústia e instintos. In *Novas conferências introdutórias à psicanálise*. In *Sigmund Freud: Obras completas* (P. César de Souza, trad., vol. 18, pp. 224-262). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933a)
- Freud, S. (2010). Conferência 31: A dissecção da personalidade psíquica. In *Novas conferências introdutórias à psicanálise*. In *Sigmund Freud: Obras completas* (P. César de Souza, trad., vol. 18, pp. 192-223). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933b)
- Freud, S. (2019). Análise terminável e interminável. In *Sigmund Freud: Obras completas* (P. César de Souza, trad., vol. 19, pp. 274-326). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1937a)
- Freud, S. (2019). Construções na análise. In *Sigmund Freud: Obras completas* (P. César de Souza, trad., vol. 19, pp. 327-344). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1937b)
- Freud, S. (2019). Compêndio de psicanálise. In *Sigmund Freud: Obras completas* (P. César de Souza, trad., vol. 19, pp. 189-273). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1940[1938])
- Freud, S. & Ferenczi, S. (1994). *Correspondência 1908-1911* (C. Cavalcanti e S. Lages, trans.). Rio de Janeiro: Imago.
- Frosch, J. (1967). Severe Regressive States During Analysis - Introduction. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, n. 15, pp. 491-507
- Gardiner, M. (1981). *L'homme aux loups par ses psychanalystes et par lui-même*. Paris: Gallimard.
- Gay, P. (2007). *Freud: uma vida para o nosso tempo* (D. Bottamann, trad., 15^o ed.). São Paulo: Companhia das letras.
- Giampieri-Deutsch, P. (1996). The Influence of Ferenczi's Ideas on Contemporary Standard Technique. In P. L. Rudnytsky, A. Bókay e P. Giampieri-Deutsch (Orgs.). *Ferenczi's Turn in Psychoanalysis* (pp. 224-247). New York: New York University Press.
- Glover, E. (1955). *Technique of Psycho-Analysis*. Nova York: International Universities Press
- Green, A. (1998). Sobre a discriminação e a indiscriminação afeto-representação. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 32, n. 3, pp. 407-456.
- Greenacre, P. (1956). Re-evaluation of the process of working through. *International Journal of Psychoanalysis*, n. 37, pp. 439-444.
- Greenson, R. R. (1965). The problem of working-through. In M. Schur (Org.), *Drives, Affects, Behavior* (pp. 277-314). Nova York: International Universities Press.
- Guarnieri, R. (2013). Durcharbeitung - The time of perlaboration (or working through). *The italian psychoanalytic anual*, n. 7, pp. 27-38.
- Hanns, L. A. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.

- Haynal, A. (1995). *A técnica em questão: controvérsias em psicanálise de Freud e Ferenczi a Michel Balint* (G. Almeida, trad.). São Paulo: Caso do Psicólogo.
- Haynal, A. (1997). For a Metapsychology of the Psychoanalyst: Sándor Ferenczi's Quest. *Psychoanalytic Inquiry*, 17(4), pp. 437-458.
- Heimann, P. (1950). On Counter-Transference. *International Journal of Psychoanalysis*, n. 81, pp. 81-84.
- Honda, H. (2018). *Sándor Ferenczi e as perspectivas da psicanálise*. Curitiba: Appris.
- Klein, M. (1991). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (L. P. Chaves, trad., Vol. 3, pp. 17-43). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1946)
- Kris, E. (1956). The recovery of childhood memories in psychoanalysis. *Psychoanalytic study of child*, n. 11, pp. 54-88.
- Kupermann, D. (2010). A via sensível da elaboração. *Cadernos de psicanálise CPRJ: Caminhos da clínica psicanalítica*, 32(23), pp. 31-45.
- Laplanche, J. (1969). Interpretar (com) Freud. In B. Pingaud (Org.), *Freud* (C. Netto, trad., vol. 3, Série L'arc, pp. 53-67). São Paulo: Editora Documentos.
- Laplanche, J. (1987). *Nouveaux fondements pour la psychanalyse*. Paris: PUF.
- Laplanche, J. (1998). *Problemáticas I: a angústia*. (A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. (2001). *Vocabulário de psicanálise* (P. Tamen, trad., 4º ed.) São Paulo: Martins Fontes.
- Leader, D. (2010). Freud, música e elaboração. In D. Leader, *Pé de página para Freud*. (E. Rieche, trad., pp. 19-49). Rio de Janeiro: BestSeller.
- Lipton, S.D. (1977). The advantage of Freud's technique as show in his analysis of the Rats Man. *International Journal of Psychoanalysis*, n. 58, pp. 255-273.
- Loewald, H.W. (1960). On the therapeutic action of psychoanalysis. *International Journal of Psychoanalysis*, n. 41, pp. 16-33.
- Loewenstein, R. (1930). Remarques sur le tact dans la technique psychanalytique. *Revue Française de Psychanalyse*, n. 4, pp. 266-275.
- Lorand, S. (1996). Sándor Ferenczi (1873-1933), pioneer of pioneers. In F. Alexander, S. Eisenstein e M. Grotjahn (Orgs.). *Psychoanalytic Pioneers* (pp. 14-35). Nova York: Basic Books.
- Mahony, P. J. (1990). *Sobre a definição do discurso de Freud* (F. I. Bastos, trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Mahony P. J. (1991). *Freud e o Homem dos Ratos* (E. Saporiti e M. Cataldi, trad.). São Paulo: Escuta.
- Mahony, P. (1992). *Gritos do homem dos lobos* (M. C. S. da Silva, trad.). Rio de Janeiro: Imago.

- Mezan, R. (1993a). Que significa “Pesquisa” em psicanálise?. In R. Mezan. *A sombra de Don Juan e outros ensaios* (pp. 85-118). São Paulo: Editora Brasiliense.
- Mezan, R. (1993b). Esquecer? Não: In-quecer. In R. Mezan. *A sombra de Don Juan e outros ensaios* (pp. 51-62). São Paulo: Editora Brasiliense.
- Mezan, R. (1998). A transferência em Freud: apontamentos para um debate. In R. Mezan, *Tempo de muda: ensaios de psicanálise* (pp. 251-272). São Paulo: Companhia das letras.
- Mezan, R. (2014). A construção da metapsicologia: 1892-1914. In R. Mezan, *O tronco e os ramos: estudos de história da psicanálise*. (pp. 89-136). São Paulo: Companhia das letras.
- Obholzer, K. (1993). *Conversas com o homem dos lobos* (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Ogden, T. (1996). *Os sujeitos da psicanálise* (C. Berliner, trad.) São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Perelberg, R. (2012). Fantasia inconsciente a partir de: “História de uma neurose infantil” (o Homem dos Lobos). In R. Perelberg (Org.). *Freud: uma leitura atual* (M. Veronese, trad., pp. 201-218). Porto Alegre: Artmed.
- Pick, I. B. (1985). Working through in the countertransference. *International Journal of Psychoanalysis*, n. 66, pp. 157-166.
- Pinheiro, M.T. (1995). *Ferenczi - do grito à palavra*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/UFRJ.
- Pinheiro, M.T. (1996). Trauma e melancolia. In C. S. Katz (Org). *Ferenczi: história, teoria, técnica* (pp. 43-63). São Paulo: Editora 34.
- Pingaud, B. (1969). A peste. In B. Pingaud (Org.). *Freud* (C. Netto, trad., vol. 3, Série L’arc, pp. 5-8). São Paulo: Editora Documentos.
- Plon, M & Roudinesco, E. (1998). *Dicionário de psicanálise* (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Pontalis, J. B. (1969). A utopia freudiana. In B. Pingaud (Org.). *Freud* (C. Netto, trad., vol. 3, Série L’arc, pp. 9-20). São Paulo: Editora Documentos.
- Roussillon, R. (1999). *Agonie, clivage et symbolisation*. Paris: PUF
- Roussillon, R. (2005). La “conversation” psychanalytique: un divan en latence. *Revue française de psychanalyse*, v. 69, n. 2, pp. 365-381.
- Roussillon, R. (2016). A elaboração e seus modelos. *Psicologia Usp*, v. 27, n. 2, pp. 367-374.
- Sabourin, P. (1988). *Ferenczi: paladino e grão-vizir secreto* (L.C. Castro e Costa, trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Sandler, J. (1977). A elaboração. In C. Dare, A. Holder e J. Sandler (Orgs.). *O paciente e o analista – Fundamentos do processo analítico*. (pp. 112-118). Rio de Janeiro: Imago.
- Schneider, M. (1993). *Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud* (M. Seincman, trad.). São Paulo: Escuta.

Sollars, F. (2004). Mourning, trauma and working through. *Psychoanalytic Review*, 91(2), pp. 201-219.

Strachey, J. (1934). The nature of the therapeutic action of psychoanalysis. *International Journal of Psychoanalysis*, n. 15, pp. 125-159.